

# SAMORA MACHEL E A REVOLUÇÃO

! «Não existe um modelo para os outros povos. Somos todos modelos para todos»

Cada luta de libertação nacional tem as suas características próprias que servem de base para aqueles que ainda sentem o peso do colonialismo, do racismo e da repressão.

O centro da luta anticolonialista mudou do sudeste asiático para a África Austral, onde os oprimidos contestam, cada vez com maior militância, o poder que os opõe. Isso empresta uma importância crucial às lutas de libertação nacional em Angola e Moçambique. Ambos fazem fronteira com países onde a luta ganha maior ímpeto cada dia que passa: Angola com a Namíbia, e Moçambique com o Zimbabwe e a África do Sul. Foi neste contexto que o Presidente Samora situou a sua análise sobre a luta da FRELIMO. Nela Samora Machel debate temas importantíssimos como «Luta Armada», «Guerra Popular», «Zonas Libertadas», «Luta de Libertação Nacional», e «Sociedade Nova», que constituem uma contribuição de alto valor para aqueles que ainda lutam para além das fronteiras de Moçambique e Angola. Esses temas incluem definições de grande importância teórica e prática, não só para os povos da África Austral, como também para qualquer povo que lute pela sua independência. Por isso têm uma validade universal e a atenção que Samora Machel dedicou às questões levantadas é um acto de solidariedade internacional.

P.: «Logo no início da luta armada a FRELIMO pôs a questão: «porquê lutar e para quem». Isto é, a luta de classes foi lançada paralelamente à luta de libertação nacional. Isso aconteceu devido a condições específicas existentes em Moçambique ou é válido para qualquer outra luta semelhante?»

R.: «Essa questão implica uma série de outras questões ligadas à natureza fundamental da nossa luta. Quando falamos de luta armada perguntamos: que tipo de luta armada? Essa questão também é levantada quando se fala da transformação da sociedade e da mentalidade daqueles que tomam parte nessa transformação. O objectivo essencial de qualquer luta armada é destruir o inimigo. Mas quem é o inimigo? Foi no processo da luta que nós descobrimos o verdadeiro conteúdo da definição do inimigo. A luta armada é um aspecto da luta de libertação na-

cional que é um processo global. No entanto requer a definição de quem é o inimigo principal.

Isso era claro logo de início? Não, não era. O slogan «Destruir O Inimigo» parece claro; destruir o colonialismo português. Mas tivemos de aprofundar a questão de quem é o inimigo. Durante a luta armada ficou bem claro que o inimigo era a classe exploradora. A luta armada, como um dos aspectos da luta global, facilitou a definição do inimigo. Podíamos ter concluído de uma forma simplista e restrita que os colonialistas portugueses eram o único inimigo; mas isso seria suficiente? Os colonialistas portugueses foram derrotados. Se eles eram os únicos inimigos, por que é que usamos o slogan «A Luta continua»? Ou se tivessemos dito que o inimigo era o branco? Os colonialistas portugueses são vistos como brancos! Se tivessemos aceite isso, onde é

que estariam hoje? Como é que o povo poderia acreditar que a luta continua? Contra quem?

Nós não hesitamos em dizer desde o início que definições como, os brancos são nossos inimigos porque os colonialistas são brancos, são demasiado simplistas. Fazer isso seria fugir a uma análise mais profunda sobre quem é o inimigo. Seria oportunista da nossa parte não definirmos correctamente o inimigo. Essa é uma questão complexa com muitos aspectos, mas o inimigo principal é a classe exploradora — no nosso caso os colonialistas e capitalistas portugueses em primeiro lugar.

Nós lutamos pela emancipação dos trabalhadores. Isso é só um ponto no nosso Programa ou é parte integrante da luta de libertação nacional na sua globalidade? A nossa guerra era uma guerra popular e quando nós dizemos «Guerra Popular» isso significa

# AO NA ÁFRICA ASTRAL



que o objectivo é pôr o poder real nas mãos do povo.

Por exemplo, por que é que uma das primeiras medidas que tomamos depois da independência foi a nacionalização da educação? Porque a escola deve ser uma base para o povo tomar o poder. A escola não é um factor isolado. Para se tomar o poder é preciso ter-se os meios para se exercer esse poder. É nas escolas que nós damos forma à infraestrutura da Nova Sociedade. É lá que o Homem Novo é formado. Isso ficou claro durante o processo da luta.

A luta armada criou o Homem Novo e isso foi a preparação para a origem de classe do novo regime. Por isso dizemos que o processo começou com a luta armada que se transformou em guerra popular. Mais tarde, quando foram assumidos os aspectos ideológicos da guerra popular, ela transformou-se em guerra revolucionária. A guerra tinha-se transformado em revolução.

Quem e para quem? O povo. Isso foi possível por causa das condições específicas do colonialismo

português que não permitia a luta legal. O facto de que a luta legal não era possível foi uma vantagem porque a luta política legal ocasiona o aparecimento do elitismo; a formação de uma «elite política» que passa a representar a burguesia quando os colonialistas são derrotados. Agora podemos ver como é que a luta armada foi um acto político. Ela foi também «par excellence», uma luta ideológica. Todos os aspectos foram incluídos nessa luta, incluindo uma revolução cultural, a revolução das relações humanas, a revolução nas relações entre nós e outros povos. Durante a luta armada qualquer actividade tinha o seu conteúdo político e isso é algo que a burguesia tenta evitar.

Nós dizemos que a impossibilidade de lançarmos uma luta legal foi uma grande contribuição dos colonialistas portugueses à nossa luta. A nossa luta política tinha de ser, e foi, a luta armada. Quando nós dizemos que a luta armada foi essencial para a nossa luta política isso quer dizer que a política não é do domínio exclusivo de

uma classe dominante privilegiada nos centros urbanos. Pode-se lançar uma luta armada e chegar ao poder com uma minoria ávida de satisfazer os seus próprios interesses de classe. A luta não armada não implica automaticamente a participação do povo. Houve momentos concretos na história da nossa luta quando a participação do povo encontrou oposição». E o Presidente Samora mencionou várias personalidades que participaram nos primeiros estádios da luta, mas que ficaram pelo caminho porque representavam interesses regionais e de classe privilegiada e opunham-se a uma luta de libertação nacional que tinha como objectivo pôr o poder real nas mãos do povo. E o Presidente Samora continuou:

«Durante a luta de libertação nacional a contradição principal era entre o povo moçambicano e o colonialismo português, mas havia uma série de outras contradições não-antagónicas que continham uma complexidade de outros problemas.

Em primeiro lugar, devíamos

lançar a luta armada? Sim. Mas que tipo de luta armada? Uma que estivesse ligada a uma revolução burguesa? Não. Tivemos que dar um conteúdo concreto à luta armada por causa da natureza das zonas libertadas.

O que é uma zona libertada? É um laboratório político; um laboratório científico; um laboratório de ideias. Para nós a zona libertada não significaria simplesmente a libertação física do território, mas sim a libertação da mentalidade; libertação de um sistema. Primeiro chamamos às áreas libertadas zonas de guerrilha. Mais tarde passamos a usar o termo zona libertada porque tínhamos libertado mentalmente. Mas ainda não tínhamos o nosso sistema de vida. Os nossos hábitos, costumes, estilo de vida eram ainda do tipo velho. Não tínhamos ainda desenvolvido a nova consciência que substituisse os velhos hábitos. Mas chegamos à conclusão de que uma zona libertada constituía o ponto mais alto das contradições, o que levou a uma ruptura com os velhos hábitos impostos pelo inimigo.

Foi uma ruptura violenta. Nas áreas libertadas impermeabilizamo-nos contra as ideias e hábitos do inimigo. Por isso ainda chamamos às províncias de Tete, Niassa e Cabo Delgado zonas libertadas, apesar de, territorialmente falando, o poder estar hoje nas nossas mãos em todo o País. É por isso que ainda hoje dizemos que as zonas libertadas devem «invadir» as cidades.

#### DAS ZONAS LIBERTADAS A CONSTRUÇÃO DA NOVA SOCIEDADE

A segunda questão que pus ao Presidente Samora refere-se directamente ao problema da generalização das experiências, trabalho e hábitos das zonas libertadas, ou seja, a sua extensão ao resto do País.

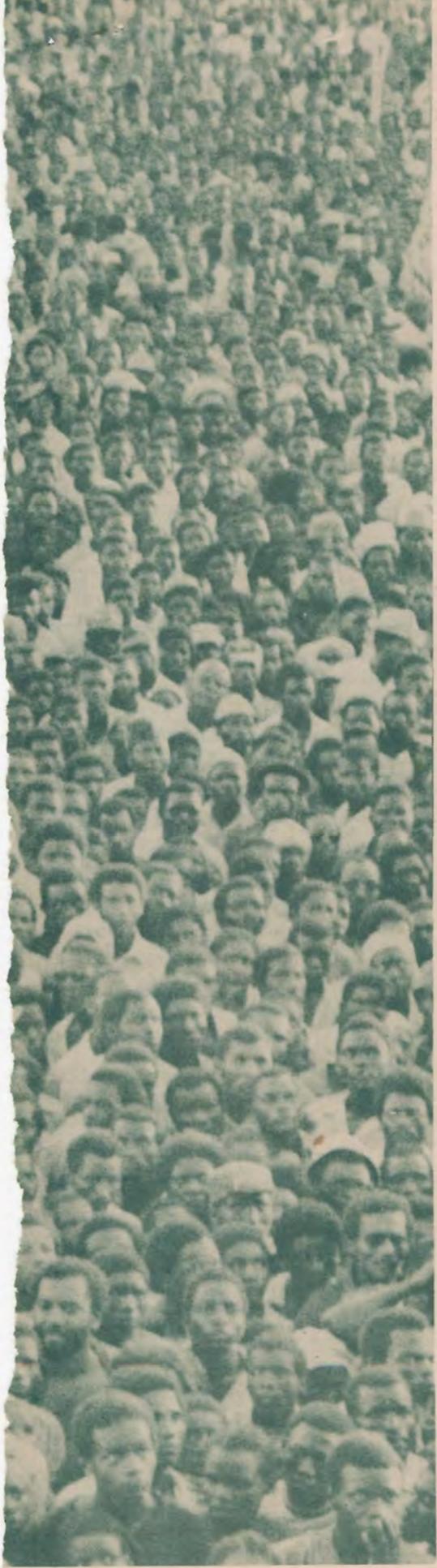
«Nas zonas libertadas introduzimos medidas concretas para abolir a exploração do homem pelo homem. É por isso que nós falamos já da necessidade de definir o inimigo correctamente. É uma questão de exploração, de classe exploradora. Durante a luta desenvolvemos a capacidade de definirmos correctamente esse inimigo. É nesse contexto que encontramos a explicação para as primeiras medidas que tomamos quando conquistamos o poder do Estado. Nacionalizamos a saúde, a justiça, a educação e a propriedade. Fizemos isso porque isso correspondia à nossa luta contra a exploração nas zonas libertadas. Lá, todas as formas de exploração foram abolidas. Tivemos que definir posições sobre essas questões.

Tínhamos de ter uma saúde para o povo, uma educação para o povo. Isso não foi conseguido sem luta. Houve aqueles que defendiam posições de privilégio nesses campos. Nós compreendemos isso como uma sequela da sociedade em que foram criados aqueles que defendiam essas posições. Também por isso definimos a criminalidade como um problema social e não jurídico. Foi por isso que associamos o povo com a investigação, julgamento e punição dos crimes e dos criminosos. Algumas pessoas disseram; por que é que estão com tanta pressa em nacionalizar esses sectores logo após a independência? Já tínhamos praticado isso nas zonas libertadas como parte do processo. E vimos que funcionava. É esse o significado de dizermos que o campo deve «invadir» a cidade.

Abolimos a prostituição e fechamos os cabarets. Já tínhamos abolido a prostituição nas zonas libertadas. Lá demos prioridade à organização da vida do povo. Isso não é uma noção abstracta de organização, mas sim baseada em práticas que deram resultado nas zonas libertadas.



«Não há vitórias individuais  
Todas as vitórias colectivas».



Pode-se generalizar? O que é importante é aceitar o engajamento num processo de luta política e ideológica dentro de uma Frente pela definição do grau mais alto de unidade possível e lutar por essa unidade em cada fase da luta. Tivemos as nossas lutas internas em 1968, 1969 e 1970. Algumas pessoas diziam: vocês têm muitas divisões. Porquê tantas divisões dentro de uma Frente? «Vocês têm de encontrar a maneira de reconciliar as diferenças entre os vários membros da Frente!» Mas não se pode chegar à unidade sem primeiro se definir que tipo de unidade é possível em cada fase. Em cada nova fase da luta o conteúdo e base da unidade tem de ser redefinido. Quando ela é definida a minoria transforma-se em inimigo — e tem de ser excluída da comunidade. O que está em causa é mais do que o lançamento de uma ação; o povo tem de exercer uma ditadura sobre a minoria hostil. Não há sistema sem ditadura. A questão é: quem a exerce e para quem?

A ditadura é sempre o instrumento da classe no poder. Qual é a classe dominante no nosso país? É o povo que tem o poder. A polícia popular existe para reprimir os reaccionários, os sabotadores, os racistas, os boateiros, os divisionistas e outros que tentam sabotar e destruir a revolução. É portanto uma questão de quem exerce a ditadura. Quem ganhou? Quem lutou? Quem se revoltou contra o colonialismo português e ousou lançar a luta armada? Quem ganhou a guerra? Quem defendeu o novo sistema? O Povo. O que nós temos hoje é a forma mais fundamental da democracia e é isso que assusta os nossos inimigos. Eles queriam desmobilizar-nos. Recusam-se falar de governo de Moçambique — referem-se a ele como o governo da FRELIMO. E usam o termo perjorativamente — mas isso de facto ajuda-nos.

O Povo sabe qual é a posição da FRELIMO. O Povo sabe que a FRELIMO organizou a luta de libertação nacional e a levou até à vitória para todo o povo. Esses inimigos querem denegrir o socialismo. Mas o Povo vê que na realidade é esse o sistema com maior conteúdo humano. O socialismo rejeita o racismo porque é uma barreira à unidade. Mostra verdadeiro respeito pelo Povo. O Povo vê que a FRELIMO lança constantemente uma luta contra todos os tipos de discriminação; que a FRELIMO é contra a exploração. E o Povo diz, se isso é o socialismo então é bom. E vê que é ele, povo, que comanda o seu destino.

Perguntou-me se as nossas experiências podiam servir de modelo para outras revoluções. Podemos ser uma fonte de inspiração para outras revoluções, da mesma maneira como nos inspiramos — e continuamos a inspirar-nos — nas lutas de outros povos. Mas não existe um modelo para os outros povos. Somos todos modelos para todos».

P.: «Até que ponto é que a experiência nas zonas libertadas influenciou já o período pós-guerra na construção da Sociedade Nova?»

R.: «Em cada questão fundamental das nossas actividades presentes procuramos a inspiração nas experiências da nossa própria luta. Isso em geral, e concretamente em cada faceta das nossas actividades. Por exemplo, na questão das nacionalizações. Porquê? Porque no decurso da luta pelo comando da saúde, educação, justiça, estruturas políticas e sociais esse comando foi conseguido através da mobilização popular; através da participação do povo na tomada de decisões e na implementação dessas decisões.

Essas experiências constituem um património precioso, algo que temos de defender para provocarmos — à escala da nação — a rup-

tura com os velhos valores, mitos e hábitos; a ruptura com as estruturas da vida social, da organização e produção herdadas da sociedade colonial e que ainda existem. Essas experiências representam a materialização das nossas vitórias. A necessidade de organizar a vida nas zonas libertadas deu respostas concretas que hoje aplicamos na solução dos problemas da reconstrução nacional. A prática mostrou-nos que podíamos resolver problemas sem a técnica moderna, sem grandes recursos — mas baseando-nos nas nossas próprias forças e organização, o que significava essencialmente contar connosco próprios.

As experiências de organizar a vida nas zonas libertadas tiveram sucesso porque demos prioridade à política. Concretamente, as nacionalizações foram possíveis por causa das experiências do povo nas zonas libertadas no exercício dos seus trabalhos. Foi nas zonas libertadas que nasceu o pensamento comum; o pensamento comum na direcção e ao nível da tomada de decisões. A FRELIMO é materialização disso, uma organização de vanguarda. Dentro dela formaram-se pessoas temperadas pelo processo de luta política e armadas com a ideologia de que tudo que é feito deve ser feito para servir os interesses do Povo. Foi esse o único critério».

### O HOMEM NOVO E A SOCIEDADE NOVA

Durante a minha visita a várias províncias, distritos e aldeias de Moçambique, vi que quase tudo, desde a educação ao desenvolvimento económico, era baseado nas experiências das zonas libertadas. E muitos dos responsáveis provinciais e distritais que encontrei graduaram-se na dura escola da luta de libertação nacional. Como definir o Homem Novo e a Socie-

dade Nova que a FRELIMO está a criar?

O Presidente Samora respondeu:

«Nós dizemos que a luta pela transformação da sociedade tem de ser acompanhada pela luta da transformação do Homem. Mas só o Homem se pode transformar a si próprio. Na machamba o homem trabalha para produzir comida, mas no processo ele próprio se transforma. Não é um processo automático esse. Não chega nascer num determinado tipo de sociedade; mesmo numa zona libertada, por exemplo. Na luta por uma Sociedade Nova o Homem Novo é condicionado pela luta por essa sociedade e pelo papel que desempenha nessa luta. Muitos pensavam que o Homem Novo sairia automaticamente das zonas libertadas e apareceria de repente nas cidades.

Mas nós dissemos aos alunos das nossas escolas nas zonas libertadas: «O facto de vocês terem nascido numa zona libertada — o facto de nunca terem visto um colonialista — não significa que já são homens novos. Até pode acontecer o contrário, porque vocês não viveram o processo de rejeição. Vocês não estão imunizados contra a velha sociedade».

Os colonialistas, antigamente, iam para os seus clubes e piscinas e bebiam whisky. Isso podia ser tomado como modelo do «homem colonialista». Muitos gostavam de continuar assim e serem os novos ocupadores desse modelo. O Homem Novo só se constrói quando há fidelidade pela luta e objectivos revolucionários dessa luta. Por isso é que insistimos que nas nossas escolas a educação deve estar ligada ao trabalho manual, e ao conceito de servir o povo de uma forma desinteressada. Por isso a transformação está sempre ligada à luta social e ao processo revolucionário. O Homem Novo é formado continuamente e temperado na

luta e assim mantém-se fiel à sua origem de classe — a classe dos oprimidos — ou identifica-se com essa classe. Ele faz um esforço por adquirir conhecimentos científicos para servir o povo trabalhador — e não para se servir. Ele faz da luta do povo trabalhador a sua própria luta. Os estudos deixam de ser um objecto de promoção pessoal. Os estudantes não devem mais colar diplomas no peito e dizer: «eu valho tanto».... aqueles que têm a oportunidade de estudar devem ser como fósforos que acendem fogueiras onde o povo se aquece. Os estudos não devem ser um pretexto para os estudantes se divorciarem da sua origem de classe — o objectivo deve ser bem diferente daqueles determinados pelas velhas ideias e conceitos.

Ser capaz de se autocriticar e de fazer análises objectivas, é isto que caracteriza o Homem Novo. Ele deve saber organizar a Nova Sociedade e promover o seu crescimento e desenvolvimento através do método da crítica e autocrítica. É o Homem Novo esse, nascido na luta em cada fase e nível dessa luta. Um homem dinâmico e criativo.

Dizemos que o Homem Novo nasce da luta. É por isso que, com uma nova mentalidade, ele pode ser um agente da transformação, um activista para relações sociais de tipo novo que caracterizam a Nova Sociedade ao nível da produção, educação, cultura, direcção e relações com a base em todos os campos — formar a estrutura do socialismo. A criação dessa perspectiva e capacidade requere muitas lutas internas que devem ser sistemáticas e organizadas — não esporádicas, espontâneas ou emocionais. Essas lutas devem ser planeadas conscientemente, científicas e sistemáticas. Não são lutas individuais. Não existe a vitória individual — só existe a vitória colectiva.



«A necessidade de organizar a vida nas zonas libertadas deu respostas concretas que hoje aplicamos na solução dos problemas da reconstrução Nacional».

Quando falamos de luta interna isso quer dizer que o Homem Novo deve rejeitar o racismo, o tribalismo, o regionalismo, o individualismo, o liberalismo, o egoísmo, o elitismo — numa palavra, ele deve rejeitar as várias manifestações de subjectivismo porque a luta é colectiva. Nós vemos essa luta como colectiva que deve ser travada ao nível da sociedade e da natureza — também ao nível do indivíduo. Não basta mudar um aspecto da sociedade se não mudarmos a mentalidade de todo o povo.

Temos que dar forma à superestrutura. É isso o que estamos a fazer agora. Isso significa criar um novo sistema ao nível da superestrutura e para consolidar essa nova superestrutura é preciso evitar o voluntarismo — isto é, o desenvolvimento não planificado, baseado em conceitos individuais —, é preciso que haja uma transformação concreta de toda a sociedade.

P.: «As nacionalizações foram apressadas por causa do êxodo dos colonialistas portugueses, o abandono das plantações e empresas, e sabotagem de propriedade, ou teriam acontecido de igual modo?»

R.: «A partida dos colonialistas portugueses não tem nada a ver com as nacionalizações. Foi uma questão de estender o poder da FRELIMO e organização a todo o País. As nacionalizações foram meios para o estabelecimento do poder popular e para valorizar as conquistas da Revolução. Algumas pessoas dizem que vieram cedo de mais. Isso não é verdade. Eram uma parte integrante do nosso programa global.

A educação, saúde pública, propriedade — esses eram instrumentos-chave da burguesia que tinham de lhe ser retirados. Eles eram os instrumentos pelos quais a burguesia pensava reter o poder; organizar e consolidar o seu poder. Não podíamos criar a Nova Sociedade

sobre as estruturas velhas, onde havia exploração e discriminação a todos os níveis. Tivemos que varrer tudo, impedir o crescimento da nova burguesia à nascença. Um crocodilo é muito forte quando crescido e quando está no meio do rio — no seu meio-ambiente onde o homem é fraco. É melhor matá-lo enquanto está em terra e enquanto ainda é novo e a viver num lugar onde o homem é mais forte.

As pessoas ainda tinham na sua mente o colonialismo como inimigo principal. Portanto foi preciso actuar. As pessoas estão ainda a viver na revolução e portanto precisamos de manter a dinâmica — lutar pela transformação da sociedade. A questão fundamental é que somos incapazes de gerir o capitalismo. E mesmo se quiséssemos falhariamos».